

Nova Carta tem autores sem farda e sem fardão

LUIZ LANZETTA

BRASÍLIA — A nova Constituição terá 245 artigos, além de ser leitura rápida e simples: é o resultado de um trabalho coletivo de 18 meses e ficou mais "enxuta" que a produção individual dos 559 parlamentares — autores, ao longo da vida, de cerca de 500 livros.

Este conjunto de volumes pode dar água na boca, numericamente, de muitos bibliotecários. A qualidade, porém, é duvidosa e a maioria deve estar ilustrando prateleiras de sebos.

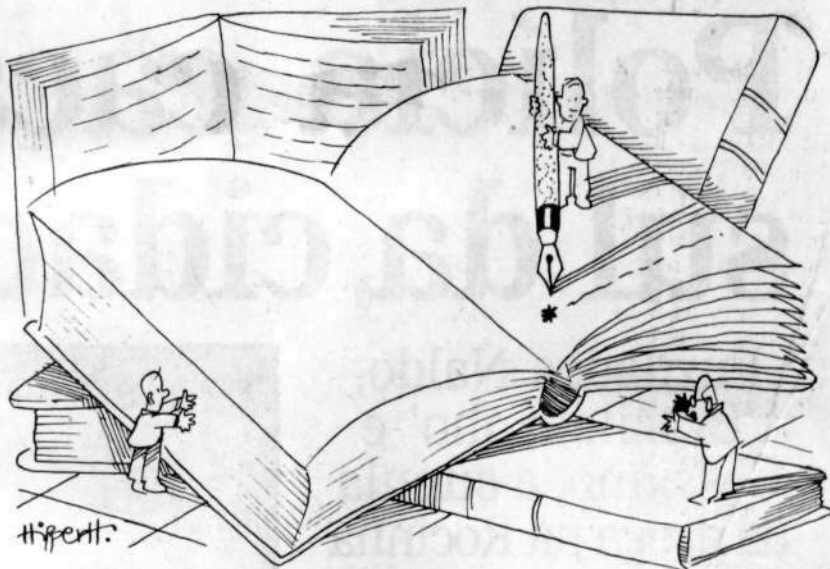
A parte as obras de acadêmicos reconhecidos e literatos premiados, abundam a literatice, os discursos, as monografias, prestações de contas, libelos variados, histórias de Estados e Municípios e até coletâneas de poemas juvenis.

No meio do manancial de estilos e gêneros, sobressaem as obras dos Senadores Fernando Henrique Cardoso (PSDB-SP) — que escreveu em várias línguas — e Afonso Arinos (PSDB-RJ), além dos trabalhos do Deputado e sociólogo Florestan Fernandes (PT-SP). Juntos, os três publicaram cerca de 130 volumes, alguns deles em parceria. Arinos, por exemplo, dividiu um de seus livros com Jânio Quadros.

Em seguida, aparece um membro da Academia Brasileira de Letras, o Senador Luiz Viana Filho (PMDB-BA), com 20 livros. Seu filho, o Deputado Luiz Viana Neto (PMDB-BA) seguiu a carreira política, mas não adotou o ofício literário do pai: publicou, até hoje, apenas uma monografia para um concurso público.

Já o Presidente da Constituinte, Deputado Ulysses Guimarães (PMDB-SP) reforça o time dos autores editados pelo Congresso. Tem sete obras publicadas — entre elas, coletâneas de discursos famosos, como o "Navegar é preciso" — e dedicou-se também aos versos. Seu primeiro livro, de 1940, é "Poesia sob as arcadas".

Ulysses, porém, não é o único poeta. O Deputado Caio Pompeu (PSDB-SP) escreveu só um livro até agora — "Eis um problema" — e de poemas. O Senador Cid Carvalho (PMDB-CE) — que recentemente passou a apoiar o Presidente Sarney — cometeu o bergmaniano (pelo menos no título) "Gritos e murmúrios" e bebeu na mesma fonte sarneysista com "Pássaro de fogo", tão incandescente quanto os marimbondos. Final-



mente, alçou vôo com "Alma de cigarra".

A bancada sarneysista é fogo, do ponto de vista literário. O Senador Aureo Mello (PMDB-AM), por exemplo, tem oito livros publicados. Como Ulysses, é um navegador: "Aureonaves" é um de seus achados poéticos. E o jovem Joaquim Haickel (PMDB) tem impressos sete livros de poesias e crônicas. "Confissões de uma caneta" foi o primeiro a sair, de sua própria gráfica.

O Senador Álvaro Pacheco (PFL-PI) — amigo de Sarney e proprietário da Editora Artenova — tem 13 livros de poesia, entre eles "O sonho dos cavalos", "O homem de pedra" e "Tempo integral". Pacheco concorre na quinta-feira a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

Para além da poesia, existem altos vôos. O Senador Jarbas Passarinho (PDS-AC) é autor do romance "Terra encharcada" e de um livro de crônicas, "Águias e papagaios". Nada pessoal, mas um bom título para quem está propondo uma reforma ornitológica na política brasileira, após o advento do tucano.

O Deputado Benedicto Monteiro (PTB-PA) criou uma tetralogia, para descrever a luta do homem amazônico contra os grupos multinacionais. Um volume, "Verde vago mundo", já foi traduzido para o francês. Mas Benedicto não é conhecido por sua presença na literatura. A ausência na subcomissão que votou a reforma agrária contra os interesses dos trabalhadores o estigmatizou.

Também paraense, o Deputado Dionísio Hage (PFL) escreveu a peça de teatro "O brigue palhaço". Já o

Senador Mário Maia (PDT-AC) produziu o "Rios e barrancos do Acre".

A Deputada e jornalista Cristina Tavares (PSDB-PE) tem livros de reportagens e Antônio Britto (PMDB), também saído da imprensa, foi sucesso de vendas com a agonia e morte de Tancredó Neves. O banqueiro Ronaldo César Coelho (PSDB-RJ) escreveu "Setor financeiro, eficiência e desenvolvimento", um título que deve ter irritado seus colegas de profissão, depois dos elogios que recebeu da esquerda por votos cometidos no plenário.

Mas a bancada mais publicada e badalada é mesmo a do Tucano. Rose (Rosilda, no original) de Freitas (PSDB-ES) antecipou-se aos evangélicos e escreveu "Deus criou o homem, a mulher e surgiram-se os problemas". Não superou nem de longe, no entanto, o Ministro evangélico Orlando Pacheco (PFL-SC), que se tivesse um bom agente seria um best-seller mundial. Nos três livros da coleção "O que acontecerá depois da morte", ele garante revelar aquilo que todos desejam saber.

O Relator-Auxiliar, Senador José Fogaça (PMDB-RS) publicou dois livros, um deles intitulado "Geração amordaçada". Mas quem acabou escrevendo e reescrevendo os 245 artigos da nova Constituição foi o Relator Bernardo Cabral (PMDB-AM). Frequentemente enrolado em metros de papel impresso ou versejando em plenário alguns pareceres, Cabral produziu muito pouco em literatura, até o início da Constituinte. Ele só tem um livro: "A palavra em ação".